

Conceito Cristão da Universidade

*Discurso do Dr. Adérito Sedas Nunes,
Presidente Geral da J. U. C.*

Cabe-me dizer o discurso de abertura deste I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica,

Sejam as primeiras palavras para dar graças e louvor a Deus por nos ter inspirado e permitido esta realização que tão alto interesse reveste e despertou, e as segundas para saudar as figuras eminentes que, com a sua presença nesta sessão, com o seu estímulo, os seus auxílios ou a sua colaboração quiseram afirmar-nos que a Igreja, a Nação e a Universidade estão de facto unidos e compreendidos, amparam e acarinham o nosso esforço para «bem servir». Aceitem Vossa Eminência e Vossas Excelências Reverendíssimas em nome da Igreja, Vossa Excelência, Senhor Ministro, em nome da Nação, e Vossas Excelências Senhores Reitores, Directores e Professores em nome da Universidade, as expressões do nosso muito respeito e dedicação à Hierarquia, à Pátria e à Escola, e os sinais do nosso profundo reconhecimento.

Escolheram as Direcções Gerais da J. U. C. e da J. U. C. Feminina para tema do Congresso que neste momento se inaugura «A Universidade e o Pensamento Católico».

Ora, *porquê um Congresso sobre a Universidade?*

Esta questão que eu levanto a propósito deste Congresso, poderia suscitar-se a respeito de um tão grande número de Congressos, Assembleias, Semanas de Estudos, Encontros e Conferências, que — a bem dizer por toda a parte — se têm realizado sobre temas universitários nos diversos países e até no plano internacional, que logo somos levados a alargá-la a estoura: *por que motivo concilam actualmente tão extraordinário interesse os temas referentes à Universidade?*

Digamos desde já: em primeiro lugar, porque a Universidade é o *centro de formação dos universitários*; em segundo lugar, por ser também o *ponto de mais elevada concentração do saber* na sociedade.

Foi preciso que a Civilização chegasse ao extremo mais agudo de uma crise sem precedentes, para se compreender como são falsas certas ideias quando, elaboradas a partir duma realidade inumana, são aplicadas ao Homem. Se houve tempo em que se pensou depender inteiramente das «massas» a natureza e a evolução, não só da sociedade, como da mesma cultura, todo o pensamento filosófico e social contemporâneo se levanta contra essa corrente, arvorando em problemas fundamentais, por um lado o das relações entre «chefes» e «povo», e por outro o das relações entre «pensamento» e «sociedade». A uma interpretação determinista da História, cujos factos seriam resultantes inelutáveis de avassaladores movimentos colectivos, sucede uma concepção de equilíbrio, que, embora reconhecendo a impossibilidade de, em certos casos, controlar superiormente o evoluir dos acontecimentos, afirma de modo categórico a extraordinária influência das camadas dirigentes em todos os círculos e planos da vida social. Ora, assim como nas relações entre «massa» e «escol» se afirma hoje a indiscutível relevância deste último, assim no domínio das relações entre «pensamento» e «sociedade» estão já ultrapasadas todas as teses em que ao princípio é atribuída uma natureza meramente passiva ou de simples factor determinado. O aprofundamento de certos conceitos e aquisições da Filosofia e o melhor conhecimento e interpretação de múltiplos dados históricos, permitem doravante afirmar com segu-

rança que o «ideal» ou «espiritual», não só disfruta de autonomia (obedecendo a leis próprias e libertando-se da tirania do «natural» ou do «social») como é ele também um factor primário do evoluer da sociedade, de acção sempre profunda e não raro decisiva.

Mas enunciar, em termos tais, estes problemas, é inculcá-los de imediato como temas de primeiro plano. E é manifesto que a sua importância não deixará de crescer na medida em que a Civilização no-los apresentar como «problemas em aberto», ou — se me é permitida a expressão — como «problemas de crise». Ora, é exactamente como «problemas de crise» que o mundo moderno no-los oferece.

Nós assistimos hoje à inauguração dum novo grande ciclo da História — e sabemos agora que o sentido da sua evolução vai depender profundamente dos homens que tiverem os comandos da sociedade. Do que estes forem, melhor: do que estes são já ou podem ser, vai depender o futuro da Civilização. Ora, *quem são e o que são* esses homens? *Onde, como e em que direcção* seleccioná-los e prepará-los? Eis o «primeiro problema em aberto».

Por outro lado, o aspecto mais trágico da Civilização nesta «idade da angústia e da guerra», é porventura o de não corresponder a nenhum pensamento a nenhuma acção, a nenhuma intenção verdadeiramente unificadora. «O homem só pode continuar a desenvolver-se — escreveu Leclercq — se dominar os seus conhecimentos e as suas criações». Mas, só quando se sabe colocar cada coisa no seu lugar próprio vendo, por conseguinte tudo numa unidade — é que efectivamente se domina. Porque o pensamento do último século, vencido pelo surto espantoso dos saberes e das técnicas, entrou pelo caminho fácil da especialização pura e a todo o transe, desprezando aquela necessidade fundamental de *unificar para dominar*, é que a Civilização de hoje, em lugar de se sujeitar ao Homem, tende pelo contrário a esmagá-lo e a absorvê-lo. E assim nos encontramos perante o segundo grande «problema em aberto»: *pôr ordem na inteligência, restituir unidade ao saber, para que se possa pôr ordem na sociedade.*



É no ponto de encontro destes dois problemas capitais — o do escol dirigente e o da unidade ou síntese do saber — que se situa o problema universitário. Porque a Universidade é, ao mesmo tempo, Escola de futuros *dirigentes e intelectuais*, e *centro em que convergem*, no mais elevado grau de concentração que se encontra na Sociedade, *todos os ramos do saber*.

Da Universidade *irradia* constantemente um grupo de homens destinados a postos de direcção social. Que deve ela fazer para que esse grupo constitua verdadeiramente um escol?

Na Universidade *concorrem* todos os ramos do conhecimento. Que poderia ela fazer para salvar a necessária unidade da cultura?

Eis-nos perante os dois problemas de fundo que a Universidade levanta. Resolvê-los será desmarcar a sua «missão» — e isso pode dizer-se que já está hoje feito. Permitir-me-ão que refira seguidamente as principais conclusões já firmadas, porque é a partir delas que se realizou este Congresso.

O que a Universidade deve ser, em ordem à formação do grupo que nela se prepara para as tarefas de comando social, depende naturalmente das *qualidades* que esse grupo deve possuir. Determinando-as, são os próprios *fins* da Universidade enquanto Escola Superior que se determinam.

Ora, a primeira de tais qualidades é que constitua efectivamente um *autêntico escol intelectual*. Assim como o indivíduo e toda a sua vida se desequilibram quando a razão deixa de bem operar, assim na sociedade, a paz, o bem estar, o correcto funcionamento e evolução do todo dependem estreitamente da normalidade, do equilíbrio e do

